



Universidade de Brasília

**FACULDADE UnB PLANALTINA
CIÊNCIAS NATURAIS**

**A Influência da Família na Aprendizagem de Estudantes
com Necessidades Educacionais Especiais**

Letícia Almeida de Lima

Orientadora: Profa. Ma. Bianca Carrijo Cordova

Planaltina - DF

Novembro, 2019



Universidade de Brasília

**FACULDADE UnB PLANALTINA
CIÊNCIAS NATURAIS**

**A Influência da Família na Aprendizagem de Estudantes
com Necessidades Educacionais Especiais**

Letícia Almeida de Lima

Orientadora: Profa. Ma. Bianca Carrijo Cordova

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciada do Curso de Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação da Professora Mestre Bianca Carrijo Cordova.

Planaltina - DF

Novembro, 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que dispôs com o seu amor sempre bondoso e fiel, todos os meios necessários, para que esse trabalho fosse feito. A sua providência apresentou a mim pessoas que pudessem estar comigo durante esse tempo, a serem verdadeiros Cirineus, dispostos a me ajudar.

É com o coração exultante de alegria, que agradeço a minha querida orientadora, Bianca Carrijo, por primeiro ter me acolhido, e depois, acolhido as minhas ideias, sempre com paciência, e principalmente, por me ensinar com a sua vida; a ter como prioridade a família, sendo esposa, mãe e educadora. Lembrarei-me de tudo que aprendi, quando estiver formando a família que Deus quer para mim.

Para que essa pesquisa acontecesse, foi necessário que eu nutrisse contato com estudantes com necessidades educacionais especiais, e me encontrasse neles. Essa oportunidade me foi dada pela professora Juliana Caixeta, quando me permitiu fazer parte do projeto de extensão, sendo aberta a me acolher; pude aprender que o amor passa por se compadecer pela vida do outro.

Minha gratidão aos que estiveram comigo no projeto, Samuel Loubach, Talyta Moreira, Mayra Samara e Tiago Bragas, que se tornaram verdadeiros amigos. Também os que durante esse tempo me apoiaram com orações, com a presença, ouvindo minhas lamúrias, acreditando que tudo daria certo, os amigos da Missão Católica Servos do Amor e ao meu namorado Matheus Ferreira.

Agradeço a minha família, em especial, a minha mãe que sempre se deu por inteira para me ver feliz, me compreendeu, me incentivou, me ensinou, e intercedeu por mim. No início da graduação ela esteve lá, nas coisas mais simples, que talvez nem precisasse estar, me mostrando que eu tinha com quem contar. E hoje faz tudo isso, com perfeição, no céu.

E agora, posso exclamar como o salmista: “Maravilhas fez conosco o Senhor. Os que lançam as sementes entre lágrimas ceifarão com alegria. Sim, maravilhas fez conosco o Senhor” (sl 125). Nada nesse trabalho aconteceria se não fosse a graça de Deus a vir a mim, por meio da Virgem Maria, que sempre esteve a frente de todo pensamento, de todo propósito e de todos os sonhos. Obrigada, minha rainha, minha mãe Virgem Maria!

RESUMO

Partindo do pressuposto que a aprendizagem está relacionada com as experiências vividas, podemos afirmar que a família é grande parte desse processo. Nesse sentido, objetivou-se entender como os familiares contribuem e atuam, ou não, no processo de aprendizagem de estudantes com necessidades educacionais especiais. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa, com o auxílio de entrevistas semiestruturadas. Participaram dessa pesquisa três estudantes de um projeto de extensão da Faculdade UnB de Planaltina – FUP, e pessoas que estão de alguma forma ligadas a educação deles, ou seja, familiares e representantes das instituições de ensino em que estudam. A análise das entrevistas permitiu a criação de três temas centrais que expressam as lacunas existentes na educação pela falta da presença da família na aprendizagem dos estudantes, a compreensão e aceitação do diagnóstico e a importância da relação da família com a instituição de ensino. Os resultados mostram que a família é a base de todo o desenvolvimento do estudante, os quais expressam o desejo pela presença dialógica e atenciosa principalmente dos pais.

Palavras Chaves: relação família-escola, necessidades educacionais especiais, aprendizagem.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS	8
2.1	CARACTERIZANDO O PROCESSO DE APRENDIZAGEM	8
2.2	APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS	9
3	O PAPEL DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM DE ENEE	12
3.1	FAMÍLIA DE ESTUDANTES COM NEE.....	12
3.2	A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA O APRENDIZADO DE ENEE	13
4	METODOLOGIA	16
4.1	<i>Instrumentos utilizados na pesquisa</i>	16
4.2	<i>Contexto da Pesquisa</i>	17
4.3	<i>Procedimentos da pesquisa</i>	17
4.4	<i>Procedimento de análise dos dados</i>	17
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
5.1	<i>Participantes da pesquisa</i>	18
5.2	<i>Influência da família no processo de aprendizagem</i>	19
5.3	<i>Do diagnóstico à atuação dos pais na educação de seus filhos/as</i>	24
5.4	<i>Interação família e instituição de ensino</i>	25
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
	APÊNDICE 1	36
	APÊNDICE 2	36
	APÊNDICE 3	37
	APÊNDICE 4	38
	APÊNDICE 5	40

1 INTRODUÇÃO

Estudantes com necessidades educacionais especiais – ENEE, são vistos, reconhecidos e aceitos, hoje, em muitos lugares. Mas nem sempre foi assim. Hollerweger e Catarina (2014), mostram em seu trabalho que o acesso a educação de ENEE tem mudado. Segundo esses autores, as famílias começaram a receber mais apoio e assim iniciaram a inserção desses indivíduos nas instituições de ensino. Porém, não por acreditarem que eles eram capazes de aprender e desenvolver capacidades intelectuais, mas simplesmente porque era um lugar de aceite e oportunidade de convivência com outras pessoas da sociedade.

Tem-se ciência de que, a legislação de educação inclusiva atual, trata o termo de Pessoa com Deficiência. Porém, neste trabalho optou-se por trazer a terminologia anteriormente utilizada, que é a de Pessoa com Necessidades Educacionais Especiais.

Os estudantes participantes dessa pesquisa têm diagnósticos diferentes, nos quais dois não são deficientes. Essa terminologia, de Estudantes com Necessidades Educacionais Especiais abrange uma multiplicidade de estudantes, com transtornos, com dificuldade de aprendizagem, com altas habilidades e com algum tipo de deficiência (LOPES 2014).

O estudante precisa sentir-se valorizado(a), incentivado(a) a se desenvolver de forma segura, ações essas que começam em seus lares e se refletem na escolar (SILVA, 2015). São os familiares que, com um olhar atento e amoroso, descobrem com paciência as capacidades para o desenvolvimento de cada estudante, além de perceber quais as suas dificuldades e compreender formas de superação que por vezes, o profissional da educação, por mais envolvido que seja no ensino, não irá perceber.

Para essas famílias, existem desafios que surgem pelas necessidades do indivíduo e pelo impacto do diagnóstico, por vezes inesperado. Hollerweger e Catarina (2014) ressaltam a importância da afetividade familiar e de corações abertos a vivenciar experiências novas e desafios decorrentes das demandas que o sujeito com NEE apresenta. Na descoberta de um filho(a) com NEE é necessário deixar as preocupações próprias para compreendê-lo, aprender a conhecer as suas virtudes, entendendo-o como pessoa, reconhecer suas qualidades e seus limites, além de aprender, por meio das relações atenciosas, a perceber as infinitas possibilidades que existem para o sujeito que tem necessidades educacionais especiais.

Muito se fala em inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais, mas se esquece de incluir os familiares nesse processo, sendo que eles/as também precisam de apoio e inclusão no espaço escolar, pois para esses indivíduos muitas questões não são claras, especificamente em relação as deficiências/transtornos/necessidades que seus(as) filhos(as) tem. É necessário que haja uma movimentação de ambos os lados, escola e família, na aproximação dialógica para superar as dificuldades encontradas no decorrer do processo de aprendizagem de estudantes com necessidades educacionais especiais. Da parte da escola, por exemplo, afirma Silva (2015) que por ser uma instituição informada, pode promover a inclusão da família e do estudante no processo educativo sem sofrer interferências nos planejamentos escolares.

A família e a escola são capazes de unir esforços para que não sobrecarregue nenhuma das duas esferas. Silva (2015) evidencia em seu trabalho a possibilidade de participações que a família pode ter na vida do estudante, em conjunto com a escola e com os educadores. Assim, no cotidiano escolar, a família pode, em algumas das diversas formas de atuação, estar presente no processo de planejamento educacional, engrandecendo com aquilo que tem conhecimento sobre formas de aprender do estudante.

Silva (2015) afirma que os pais não devem esperar reuniões para acompanhar como está o estudante na escola, mas devem se fazer presentes em todo o tempo. Mas a escola, por ser uma instituição bem formada, pode promover ligações maiores com a família, promovendo a inclusão do estudante e sua respectiva família no processo de aprendizagem, buscando conhecer cada família, e com isso compreender a sua história, a organização de sua rotina no acompanhamento do estudante, seu conhecimento sobre as necessidades do mesmo, e com essa relação, fazer com que o estudante consiga se desenvolver no que precisa.

Este trabalho surge a partir de um contato da pesquisadora com a realidade de estudantes com NEE, em um projeto de extensão, contraturno, promovido pela Faculdade UnB Planaltina denominado “Educação e Psicologia: Mediações Possíveis em Tempo de Inclusão”, cujo objetivo é auxiliar esses estudantes na aprendizagem. Nessa experiência, foram percebidas lacunas na vida dos estudantes, sendo algumas delas oriundas da própria família. Para cada indivíduo a família é essencial, desde as necessidades básicas até a atenção que esperam deles como um auxílio nos estudos, um olhar amoroso e acolhimento dos sonhos e projetos que vão surgindo. A motivação é algo que nesse projeto é trabalhado nos estudantes, e mesmo os

educadores acreditando no potencial deles, ficam esperando um reconhecimento de suas capacidades por parte da família.

Na interação com os estudantes participantes do projeto, o que mais provocou inquietação na pesquisadora foi a falta da presença da família no que se relaciona à educação, e à falta de diálogo com os educadores. Com isso, essa pesquisa serve de apoio para questionamentos que surgem nos educadores como: Qual é o papel da família na educação de ENEE? A forma de agir de cada familiar que lida com esses indivíduos influencia em seu aprendizado? Como?

Diante do que foi exposto até o momento, subentende-se que essa pesquisa pode servir de apoio à escola, quando na relação família-escola precisar compreender as proximidades que devem existir para favorecer a aprendizagem. Também para o educador que irá se deparar com estudantes com necessidades educacionais especiais, muito incentivados ou pouco incentivados/encorajados nos estudos por influência da família. E principalmente para as famílias, cada uma com as suas especificidades, onde a abertura de interação com os educandos com necessidades educacionais especiais fortaleça os laços que os ligam e possam ser oportunidade de aprendizagem para esses estudantes.

Pretende-se nesse trabalho, entender como os familiares podem ou não contribuir com o processo de aprendizagem de ENEE. Além de caracterizar como tem sido a atuação da família no processo de aprendizagem desses estudantes, em meios familiares e educacionais.

2 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

2.1 CARACTERIZANDO O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Quando se fala de aprendizagem comumente se remete aos locais formais de educação como a escola, por exemplo. É compreensível, pois, nesses ambientes o objetivo é também a aprendizagem, os estudantes vão para lá para aprender. Porém, podemos perceber que a aprendizagem acontece ao longo de toda a vida, desde que nascemos aprendemos com as pessoas que estão ao nosso redor e com os acontecimentos. Para Bridi e Bridi Filho (2016) o aprender não faz parte apenas de vivências formais de escolarização, de um tempo específico onde a aprendizagem acontece, ou sequer de repetições da mente ou do corpo. Desta forma, observa-se que a aprendizagem pode acontecer de diversas formas e em todo lugar.

Tudo o que vem a acontecer que toca os nossos sentidos pode agregar valor ao conhecimento anteriormente adquirido, gerando novas organizações e promovendo o desenvolvimento. Desta forma, os fatores internos se conectam com os externos gerando a aprendizagem, como afirma Bridi e Bridi Filho (2016, p. 17): “Aprendemos a todo o momento, em um processo de interação permanente com o meio, manifestando diferentes níveis de complexidade referentes ao conhecimento construído”. Além disso, Ross (2006, p.280) diz que:

A aprendizagem, como construção do conhecimento, pressupõe entendê-la tanto como produto, quanto como processo. Assim, não importa apenas a quantidade de conteúdo, mas a capacidade de pensar, interagir, aquilo que é capaz de fazer, interpretar, compreender. A qualidade do conhecimento liga-se à possibilidade de continuar aprendendo.

A aprendizagem é a conexão do sistema neural com o ambiente, e por isso, quando é possível dar exemplos e fazer explicações sobre determinado assunto, é que foi possível a compreensão. Como processo, nos faz entender que é algo contínuo, que o conhecimento vai sendo agregado durante o tempo. Os elementos e comportamentos cotidianos, apresentados aos estudantes como estímulo de interação e relação com o meio, fazem com que as experiências ganhem sentido (BRIDI; BRIDI FILHO, 2016).

O campo da aprendizagem diária de um indivíduo é a sua realidade, por isso compreende-se que cada pessoa existe em um mundo de experiência continuamente mutável, no qual ele é o centro (MOREIRA, 1999). A aprendizagem se dá com significação individual, cada indivíduo compreende e expressa o conhecimento de forma diferente, contando ainda com estratégias diferenciadas. Ross (2006) afirma que mesmo o sujeito aprendendo de forma

individual, ele conta com o auxílio de outras pessoas, as quais aprendem continuamente umas com as outras de forma a demonstrar capacidade de observação e compreensão, além disso, quando estabelecem relações entre diversos objetos e ideias podem assim identificar semelhanças e diferenças.

O processo de aprendizagem é influenciado pelos meios em que o estudante está inserido e pelas relações que estabelece. Segundo Pimentel (2005) a aprendizagem pressupõe que o estudante seja capaz de contrapor informações novas às antigas, e que o grande desafio é encontrar formas de facilitar esse processo. Para Ruiz Leite e colaboradores (2009), o ambiente social e cultural é um dos facilitadores desse processo, onde um ser humano modifica-se com o outro na troca de experiências e na interação com o meio social onde vive.

Lourenço e Paiva (2010) ressaltam que, para os meios serem eficazes, deve haver uma razão para aprender, para melhorar e para descobrir competências, o que acontece através da motivação. Esta também é contínua e deve caminhar junto com o processo de aprendizagem, ajudando o indivíduo a ser perseverante, a iniciar e a sustentar uma ação. Pois, a questão motivacional traz a reflexão sobre os motivos de alguns estudantes gostarem e aproveitarem a vida escolar e a vida social não como um fardo, ou uma obrigação, mas quando estão ou são desmotivados, podem refletir como desânimo ao se depararem com o que é proposto em ocasião de aprendizagem. E assim como qualquer outro estudante, tem a sua forma de aprender, uns aprendem com mais facilidade determinados assuntos, outros necessitam de recursos e adaptações, mas com uma infinidade de possibilidades para se aprender.

2.2 APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

Estudantes com necessidades educacionais especiais são indivíduos que podem aprender como os demais estudantes, mas que também podem ensinar. E assim como qualquer outro estudante tem a sua forma de aprender, eles também têm a sua.

Os meios citados no subcapítulo anterior também são válidos para este, pois ENEE são seres que estão no meio e aprendem na troca de experiências com o ambiente e pessoas com quem convivem e se relacionam. “Esses sujeitos precisam do outro e das ferramentas culturais

que ele coloca a sua disposição para construir o seu agir e o seu pensar no mundo” (BATISTA; TACCA, 2011, p. 143).

Roos (2006) destaca o discurso de propostas inclusivas, onde por muitas vezes trazem que todos os estudantes poderiam apropriar-se do conhecimento, controlar suas impulsividades, manifestar aprendizagem, e desempenhar papéis com ou sem ajuda. Mas esta visão tem uma face excludente, onde se pensa no respeito e na aceitação sem a percepção de ajuda e aprendizado mútuo. A relação social abre espaço para a aprendizagem do estudante com NEE, e ainda que esse estudante apresente alguma dificuldade, a interação e o convívio fazem com que ele consiga compreender-se como pessoa, se conhecer e conhecer o espaço em que vive.

Sob o aspecto mais formal da aprendizagem, a incompletude de um processo esperado no desenvolvimento pode ser vista como um problema ou uma dificuldade, muitas vezes ganhando contornos ou nomenclaturas próprias as quais denominamos como diagnóstico. É uma forma de delimitar e reconhecer as etapas de funcionamento que ainda não correspondem, quer pelo tempo quer pela estrutura, ao esperado dentro daquela etapa de desenvolvimento (BRIDI E BRIDI FILHO, 2016, p. 21).

Durante a vida do ser humano, pode haver acontecimentos internos e/ou externos que ocasionam a dificuldade de aprendizagem. Mas que não impedem o estudante de aprender, afinal, existem muitos outros espaços em que a aprendizagem pode se dar (ROSSATO; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2011). Por algum acontecimento durante a vida, ou até mesmo pela necessidade que o estudante tem, ele pode vir a criar “armaduras” frente as pessoas que se dispõem a ajudá-lo, pois, como afirma Moura e Valério (2003), por traumas familiares, o estudante acaba criando mecanismos de defesa. O indivíduo com NEE é capaz de superar essas interferências e tornar-se disponível para conhecer-se e conhecer os meios externos, a fim de compreender como se dão as relações de mundo e entre pessoas.

Nas trocas de conhecimento, com pessoas do convívio, estão as figuras que podem mediar o aprendizado, sendo elas: família, professores, amigos, profissionais da saúde. Destaca-se aqui, a figura do educador, que se disponibiliza a auxiliar o estudante durante o processo de aprendizagem a se desenvolver como pessoa e como estudante nas relações com o outro. “O papel do professor é organizar o meio social a fim de que possa favorecer a educação” (BATISTA; TACCA, 2011, p. 150).

O docente e o meio escolar em geral devem proporcionar às crianças com necessidades educativas especiais, não só momentos de aprendizagem eficazes, mas também momentos de afeto que lhes permitam desenvolver perspectivas positivas face a si mesmo e ao mundo que o rodeia. (REIS, 2012, p. 34).

É imprescindível construir processos de ensino com objetivos, recursos e estratégias diversificadas, para que a aprendizagem ocorra, o que implicaria na transformação de todos os envolvidos (ANACHE; MITJÁNS MARTINEZ, 2009). Desta forma, é de suma importância que o educador tenha um olhar atento para o estudante com necessidades educacionais especiais. E que conhecendo esse estudante, o educador seja capaz de proporcionar formas de ensinar que sejam eficazes no aprendizado dele, como a adaptação do espaço e adaptação curricular.

A forma de estudantes com NEE lidarem com a dificuldade de aprendizagem, em alguns casos, afirma Boruchovitch (1994), é atribuindo a fatores internos, acreditando que fracassam devido a falta de inteligência. O autor enfatiza a necessidade de ter prudência ao se direcionar com esses estudantes, na forma de falar e agir, pois a superação das dificuldades é construída, por meio do como o sujeito se percebe capaz para realizar tarefas em geral. Trata-se das crenças que o indivíduo possui sobre si a partir das vivências relacionais, que percebe suas capacidades e habilidades. E uma forma de incentivo é através da motivação, podendo se realizar por meio de um elogio e/ou um olhar atento de quem convive com esse estudante.

No caso do estudante com necessidades educacionais especiais, para o ajudar a superar essas dificuldades, as atividades que se realizam com ele devem ter flexibilidade, serem feitas pensando na necessidade do estudante, com disposição de tempo. Essas atividades devem mudar segundo a idade, a rotina, a série, devendo ser criativas para que haja o engajamento do estudante (MITJÁNS MARTÍNEZ; TACCA 2011). A adaptação sendo necessária e pontual dá oportunidade de aprendizado e inclusão na sociedade, como sinaliza Boruchovitch (1994).

Rossato e Mitjás Martínez (2011) trazem que a família tem um papel essencial para ajudar o indivíduo a vencer as dificuldades, mas embora ela seja o primeiro núcleo social em que a criança é inserida, em alguns casos, ela não é a única. A escola e os educadores quando estão atentos e sensíveis aos problemas do estudante, podem servir como uma via onde se formará um novo espaço de valorização e reconhecimento das capacidades desse estudante, podendo minimizar as consequências das dificuldades de aprendizagem. Quer dizer que, o educador tem importância no processo de aprendizagem de estudantes com necessidades educacionais especiais, principalmente quando há, de alguma forma, ausência familiar.

3 O PAPEL DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM DE ENEE

3.1 FAMÍLIA DE ESTUDANTES COM NEE

O nascimento de uma criança é uma alegria para a maior parte das famílias. Mas para outras, pode representar um momento de lágrimas, desespero, confusão e medo. Moura e Valério (2003) mostram que esses sentimentos podem surgir ao longo de toda a vida, e em qualquer família, sendo mais intensos ou menos intensos, dependendo da estrutura familiar. Entretanto, a principal diferença na família que descobre um sujeito com deficiência, transtorno ou altas habilidades, é que seus problemas são intensificados pelas exigências que as necessidades educacionais especiais de seus filhos(as) apresentam.

Para Freitas (2009) o que configura as famílias de ENEE é a maneira como os pais reagem e lidam com o diagnóstico. Pois, essa descoberta dispara mudanças não apenas no sistema familiar, mas no modo de ser dos pais, e conseqüentemente, como as pessoas envolvidas reagirão em cada situação de inclusão dentro da própria família.

São principalmente as figuras paternas e maternas, responsáveis pela organização familiar, que dão exemplo, que sustentam emocionalmente e estruturalmente. Os pais devem, na medida do possível, dar atenção a todos os membros da família, para que nenhum membro se sinta excluído. Como assinalam Glat e Pletsch (2004), atitudes familiares afetam não só o relacionamento entre os diversos membros, que se tornam extremamente instáveis, mas também todo o cotidiano familiar, presente e futuro, pois é necessário reajustar as expectativas e planos em função dessa realidade.

A família ao descobrir o diagnóstico de um filho com NEE se reestrutura, e com isso pode apresentar diferentes tipos de comportamentos. Como por exemplo, encarar de forma realista; ou negar as necessidades do indivíduo; se fechar para novas experiências; se lamentar e se culpar, e assim dar abertura a sofrimentos maiores, casos de depressão; se paralizar diante do diagnóstico (MOURA; VALÉRIO, 2003). Esses sentimentos existem e não podem ser negados, porém, os familiares não devem se esquecer de que, o motivo de toda essa reorganização é um ser humano com necessidades educacionais especiais, que precisa ser compreendido e acolhido.

Um dos motivos para tamanhos sofrimentos por parte da família, afirma Moura e Valério (2003), é que a comunidade não acolhe as pessoas com necessidades educacionais especiais - PNEE, deixando explícito o seu preconceito e fazendo recair sobre a família um peso. A forma

como se refere à PNEE, deixa como legado para as famílias uma resistência aos filhos com diagnóstico. A dificuldade não está em só não saber lidar com as deficiências, mas em saber controlar as emoções, os sentimentos e conceitos negativos e errôneos já estabelecidos. Freitas (2009) reitera que, o modo como os pais, em especial, lidam com o diagnóstico, está relacionado com aspectos como, por exemplo, os valores e crenças subjetivas.

3.2 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA O APRENDIZADO DE ENEE

Toda pessoa que nasce e cresce em um lar começa a compreender nele quem ele/a é, amadurece, aprende a se relacionar com o outro. É imprescindível destacar que para a PNEE, é principalmente no ambiente familiar que ele descobre as suas capacidades e limitações, por meio do vínculo afetivo que foi criado com os/as que estão ao seu redor, pois ali é lugar de compreensão, comprometimento, respeito, e principalmente exemplo. Esses indivíduos tendem a ter atitudes de repetição, agindo como os seus familiares, muito mais do que quem não tem NEE, sua confiança é diretamente voltada aos que convivem com ele/a a maior parte do tempo (MOURA; VALÉRIO, 2003).

A família, quando presente, é capaz de compreender melhor o ENEE, saber quais são as suas necessidades, como elas se apresentam e como lidar com cada uma, além de conhecer as suas habilidades e os gostos pessoais. Esse conhecimento prévio do familiar sobre o estudante é essencial quando ele se dispõe a ajudá-lo/a no processo de aprendizagem. Segundo Tunes (2002) o trabalho mais importante da família é em casa, no acompanhamento diário, pois em outro viés é comum entre pessoas que não conhecem bem esses sujeitos, identificarem o que eles precisam apenas pelo que veem, no caso da surdez uma língua de sinais, ou da deficiência intelectual, algum material adaptado. E para o educador avançar no ensino é necessário criar uma nova história com o estudante, onde irá identificar as necessidades dele, e poder auxiliá-lo com mais êxito.

É perceptível que mesmo que a família não escolha estar diretamente comprometida com o processo de aprendizagem do estudante, ela já faz isso naturalmente, principalmente na primeira infância, consequência essa da convivência entre os familiares. Como aponta Holleweger e Catarina (2014), a principal importância da influência da família está no fato de o lar e a vida familiar proporcionarem, por meio de seu ambiente físico e das relações com os membros familiares, as condições necessárias ao desenvolvimento da criança. Pois esse sujeito

vai crescendo e se desenvolvendo, aprendendo coisas novas, vínculos novos vão sendo agregados, e tudo isso vai ganhando significado. Essas vivências ainda que tenham alterações, diminuam ou cresçam, continuam existindo e refletindo sobre toda a vida do sujeito, inclusive na educação.

A verdadeira importância que a família tem no processo de aprendizagem do estudante está em inúmeros detalhes, muitos deles, inclusive, não é possível explicar. Mas existem alguns que são perceptíveis, como a presença atenciosa, que quando existente, quando a família acompanha o estudante de perto no processo de aprendizagem, na possibilidade de surgir alguma dificuldade, os familiares saberão ajudá-lo/a, e esse estudante conseguirá passar pela dificuldade de uma forma mais natural (CASARIN, 2007).

Casarin (2007) afirma que nenhuma relação substitui a boa convivência familiar. E o ponto principal é como esse vínculo se reflete na vida do indivíduo. Bridi e Bridi Filho (2006) reforçam que, uma relação mal estabelecida entre os membros familiares não só interfere na falta de rendimento escolar como pode gerá-lo. Alguns acontecimentos ou fatores interferem na aprendizagem porque o vínculo da família é maior do que o das relações e interações escolares, mesmo quando há um grande interesse e habilidade por parte do estudante em determinada área do conhecimento estudantil.

As fragilidades familiares são capazes de criar barreiras nos estudantes. Essas podendo ser, a falta de escolarização dos pais, condições socioeconômicas, o que está relacionado a renda familiar insuficiente para as necessidades básicas do estudante, a desagregação familiar, bem como a separação dos pais (BRIDI; BRIDI FILHO, 2006). E na atualidade, a falta de tempo, a excessiva atenção aos entretenimentos em meios eletrônicos, e a alta cobrança financeira associada ao excesso de trabalho, fazendo com que os pais e familiares em geral não deem prioridade a atenção aos estudantes, que quando com NEE, acabam precisando naturalmente de mais cuidados.

A família é a matriz mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter da pessoa (CASARIN, 2007). Assim, entende-se que o exemplo de cada um dos membros familiares é de extrema importância para o estudante, quando eles têm atitudes de hábitos de leitura, de pesquisa, de escrita, de questionamentos, levam o estudante a querer fazer o mesmo.

Tendo em vista que o estudante é influenciado pelos meios em que vive, o educador deve levar em consideração a família do estudante, e aproximá-la da realidade escolar. A resistência e a falta de compreensão com a família de ENEE nada ajuda na educação, e isso ainda vem acontecendo nas escolas. Segundo Holleweger e Catarina (2014), existem muitos pais desses estudantes que não estão preparados para auxiliá-los, diferente de alguns pais/mães de estudantes sem necessidades educacionais especiais, e por isso as barreiras existentes entre família-escola/educador devem ser quebradas e novos espaços de diálogo devem ser criados.

Reis (2012) afirma que esses espaços podem ser criados, sendo eles de diálogo em projetos, nos debates, avaliações pedagógicas, em acolher os questionamentos das famílias e as propostas para o meio escolar e para a educação inclusiva do estudante. Essas e outras alternativas devem ser formas de entrelaçada, onde a escola e a família caminham juntas com o objetivo do desenvolvimento pessoal e cognitivo/intelectual do estudante.

Familiares e profissionais envolvidos devem estar em contínua transformação, seja na forma de olhar, seja na forma de atuar com o estudante. Esses sujeitos necessitam de acompanhamento para se desenvolverem, neste sentido, o estímulo e afeto da família, em conjunto com as ações da escola, oportunizam que o aprendizado possa acontecer de forma natural, não sobrecarregando nenhum dos colaboradores do processo de aprendizagem (CASARIN, 2007).

No entanto, a escola em especial, em diversas ocasiões, deixa a desejar quando são necessárias atitudes de informar os/as familiares de ENEE e ajudá-los/as no processo de adaptação com o tipo de necessidade educacional especial, a fim de minimizar a falta de informação que a família por vezes tem a respeito do que é a necessidade de seu filho/a, principalmente nos primeiros anos após o diagnóstico e na inserção desse estudante na escola. Estes acabam cobrando da família um conhecimento e um comportamento além do que podem oferecer, durante o processo de adaptação de um filho/a com NEE. Entretanto, o contato com a escola pode conseguir mudar formas de agir e de ver da família para com o estudante com NEE, pois são eles/as agentes de transformação contínua (HOLLEWEGER; CATARINA, 2014). Compreende-se que é de suma importância a família e a escola caminharem juntas para promoverem o aprendizado do/a educando/a com necessidades educacionais especiais.

Quando a família entende o seu lugar na educação pode surgir um questionamento: Como participar da educação do/a estudante junto a escola/educadores? Reis (2012) identifica

essa lacuna como algo que perdura na educação, que está entre o desejo da família de participar efetivamente no processo de aprendizagem e o modo de operacionalizar com a escola/educador.

Nesse viés, podem surgir pontos persistentes de anseios por parte da família. Onde eles esperam um posicionamento da escola, de diálogo antes mesmo de se iniciar qualquer intervenção educativa com o estudante, pois esse contato prévio pode gerar empatia e confiança. Esse primeiro diálogo deve existir, segundo Reis (2012), para no mínimo saber o diagnóstico do estudante. Depois, para compreender como é e/ou como pode ser melhorado o processo de interação e aprendizagem com os estudantes que tem NEE, e também na forma que ambas as vertentes dão suporte a esses estudantes.

4 METODOLOGIA

Para este trabalho a metodologia escolhida foi a qualitativa pois ela proporciona contato direto com a realidade em que o participante está inserido e, além disso, permite que se dê atenção aos significados que as pessoas dão para cada situação. Com isso, ir de encontro à realidade dos participantes possibilitará ater-se aos detalhes, fazer descrição minuciosa dos dados, preocupando-se em retratar as perspectivas dos participantes a respeito do tema proposto (ANDRÉ; LUDKE 1986).

4.1 Instrumentos utilizados na pesquisa

Optou-se por usar a entrevista semiestruturada por ser um meio de comunicação que possibilita ter interação havendo reciprocidade entre quem pergunta e quem responde. Para Lima Silva e colaboradores (1999), a entrevista semiestruturada permite obter informações por meio de um roteiro contendo tópicos da problemática central, podendo ser flexível, permitindo aos participantes ter respostas livres e partilhar o que quiser durante a entrevista, mas conduzido pelo pesquisador. Como completa André e Ludke (1986), a entrevista semiestruturada se dá a partir de um esquema básico, mas que não é aplicado rigidamente, permitindo que o pesquisador faça as adaptações que considerar necessárias.

Foi formulado um questionário prévio com questões norteadoras que correspondessem aos objetivos desse trabalho (apêndices 1 a 3). As entrevistas foram feitas em ambientes escolhidos pelos participantes, de forma que se sentissem livres para expressar aquilo que eles julgavam importante através das perguntas do questionário e, quando necessário, das perguntas

extras. As entrevistas tiveram cada uma, no máximo, a duração de quarenta minutos, onde surgiram, na maioria, questões que não estavam no questionário, mas que sanaram dúvidas das perguntas posteriores. Para melhor compreensão, no momento das entrevistas utilizou-se gravador com a autorização dos participantes por meio da assinatura de um TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido redigido pela pesquisadora, onde os familiares e os profissionais da educação consentiram com a utilização das falas para este trabalho (apêndices 4 e 5).

4.2 Contexto da Pesquisa

Esta pesquisa foi realizada com estudantes de um projeto de extensão da faculdade UnB de Planaltina, os/as quais participam do projeto denominando “Educação e Psicologia: Mediações Possíveis em Tempos de Inclusão”. Duas das estudantes e suas famílias são moradoras da mesma região em que se localiza a universidade com distância de 5 a 10 quilômetros, Planaltina – DF. Já o estudante Davi, reside em uma região a 23 quilômetros da universidade.

4.3 Procedimentos da pesquisa

As entrevistas foram realizadas da seguinte forma: a) Foram escolhidos três estudantes participantes do projeto que tivessem diagnósticos diferentes para serem entrevistados. b) A partir da fala desses, identificou-se ao menos uma pessoa de cada família, preferencialmente o familiar mais próximo a ele/a e que o/a auxilia na aprendizagem. Verificou-se nos três casos ser a pessoa do irmão. Como no caso de Davi o irmão é adolescente, preferiu-se realizar primeiro a entrevista com a mãe, que também aparece como figura presente, para responder algumas questões específicas, as entrevistas foram realizadas separadamente. c) Conforme a fala dos estudantes identificou-se a presença de um educador mais próximo a eles/as na instituição de ensino. Para o Davi e a Madalena um educador/a e para a Isabel uma psicóloga. Essas entrevistas proporcionaram identificar como está a presença da família na educação no que diz respeito a relação família - instituição de ensino.

4.4 Procedimento de análise dos dados

Após a realização das entrevistas, a pesquisadora transcreveu cada uma delas, afim de identificar com detalhamento o que seria viável destacar nesse trabalho. Utilizando a análise temática, que segundo Souza (2019) oferece flexibilidade para abarcar a diversidade de dados,

as falas dos participantes foram organizadas em temas que, apareceram com mais constância na pesquisa, e que está em conformidade com os objetivos do trabalho.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Participantes da pesquisa

Foram escolhidos para essa pesquisa, estudantes com NEE e suas respectivas famílias. Deu-se nomes fictícios a cada um dos estudantes participantes dessa pesquisa a fim de preservar a identidade deles. São eles/as, a Madalena, a Isabel e o Davi, que fazem parte do projeto mencionado anteriormente, na Faculdade UnB de Planaltina – FUP. A pesquisadora é uma das pessoas que realiza as mediações com alguns deles/as, auxiliando-os na aprendizagem em áreas do conhecimento que para esses/as é necessário, no tempo que lhes é proposto. Esse fato contribuiu para a aproximação dos estudantes e para que se sentissem mais a vontade para responder às perguntas da entrevista.

Somente dois dos estudantes, Davi e Isabel, tem contato direto com a pesquisadora, por ser uma das pessoas que conduz as mediações semanais. Esses estudantes chegaram até o projeto com o desejo de desenvolvimento na aprendizagem, pontualmente no que eles têm dificuldade, ou facilidade. São atendidos por pessoas que coordenam áreas educativas diferentes dentro do próprio projeto, cada mediação acontece uma vez por semana, com atendimento individual, contraturno, com duração de quatro horas por encontro. Consequentemente a pesquisadora tem conhecimento sobre aspectos individuais de alguns desses indivíduos. Alguns fatores não permitem que eles tenham convivência entre si, os encontros são em dias distintos, além da diferença de grau de escolarização e idade que demandam atuações direcionadas.

Madalena: É uma adolescente com 14 anos, estudante do Ensino Fundamental Anos Finais cursando o 8º ano, que gosta muito das artes, de desenhar, de dançar, de fazer pinturas de rosto, diagnosticada com altas habilidades na área das artes há pouco tempo. A sua família é composta por mãe, pai, irmã e irmão adultos. Na escola participa de um projeto que realiza apresentações de dança e cinema. No projeto Educação e Psicologia, desenvolve a sua habilidade das artes por meio de desenhos.

Isabel: Tem 32 anos, diagnosticada com hidrocefalia ao nascer, o que gerou a deficiência intelectual moderada. Hoje mora com a irmã, o cunhado, e duas sobrinhas, por consequência do falecimento de sua mãe há três anos. É estudante universitária, egressa do

programa de educação de jovens e adultos interventivo – EJAI. No projeto Educação e Psicologia, é acompanhada por estudantes de licenciatura, um mestrando e uma psicopedagoga que desenvolvem atividades que permitem que ela corresponda às demandas do curso de agroecologia.

Davi: É uma criança de 11 anos, estudante do Ensino Fundamental Anos Iniciais cursando o 4º ano. A sua família é composta por mãe, padrasto e dois irmãos, um de 14 anos e outro já adulto. É diagnosticado com dislexia há pouco mais de dois anos. No projeto Educação e Psicologia, desenvolve habilidades de escrita, leitura e cálculos matemáticos através de seus interesses pessoais, que tem sido os animais.

5.2 Influência da família no processo de aprendizagem

Durante as entrevistas foi identificado que quem mais auxilia esses estudantes na aprendizagem é a pessoa do irmão, o qual também é reconhecido como presença na escola, como é possível identificar na fala do professor da Madalena:

“Ela é minha aluna desde o início do ano, e eu não conheço os pais dela, nas últimas reuniões foi o irmão que veio”. (Professor da Madalena)

Os irmãos têm uma forma de ajudar os estudantes no processo de aprendizagem com as limitações que são próprias de cada um. No caso do Davi, é a pouca diferença de idade entre eles, afinal o irmão que o auxilia tem apenas 14 anos. Conforme destacado na fala do estudante, seu irmão busca ajudar com dicas:

“Tem vez que ele me dá dica, de vezes, multiplicação, divisão. Me dá dica até eu acertar, ele me dá cola”. (Davi)

Ainda, quando chega uma hora em que o irmão não consegue mais auxiliar o estudante e acaba dando a resposta, a forma com que esse irmão se dispõe a ajudá-lo tem significado para o Davi, pela atenção e companheirismo, como o próprio irmão destaca:

“Com muita paciência, por exemplo, se ele tá com dificuldade na tabuada, eu faço uma tabuada todinha pra ele revisar. Aí quando ele erra eu peço para ele repetir várias vezes, da mesma forma com as contas, eu faço várias e falo para ele resolver, se ele errar falo para fazer de novo, até acertar”. (irmão do Davi)

Os irmãos têm papel importante na vida dos estudantes quando são compreensíveis, atenciosos e disponíveis, e isso é desafiador para eles. Hollerweger e Catarina (2014) apontam que ninguém nasce irmão de ENEE, mas se torna quando se dispõe com generosidade a conhecê-lo/a, a respeitá-lo/a e a amá-lo/a, e assim podem colaborar com o seu processo de aprendizagem.

Freitas (2009) reforça que dentro da família existem fronteiras que devem ser bem estabelecidas para o progresso saudável da vida familiar onde os membros dessa família levem a cabo as suas funções para manter uma dinâmica constante, pois a estrutura e a dinâmica familiar realçam as características do estudante e a forma de ser dele. Em outras palavras, a família se reorganiza, quantas vezes necessárias, até que cada membro tome o seu lugar e a pessoa com NEE se sinta segura.

Outro aspecto que pode-se destacar é que aparece na fala de familiares um certo abalo emocional e estrutural em decorrência do diagnóstico, como é possível ver na fala da mãe do Davi:

“Pra mim foi um baque porque eu nem sabia do que se tratava. Eu fiquei chocada e triste, ele também, porque na época os irmãos chegavam aqui com nota oito, nove, e ele não tirava nada, então ele se entristecia com isso, de ver os irmãos desenvolvendo e ele não”. (Mãe do Davi)

É perceptível que essas famílias não souberam lidar com a notícia do diagnóstico, e diante dessa situação não conseguiram ainda se reajustar, deixando o indivíduo com NEE sem o suporte que ele precisa. Moura e Valério (2003) apontam que nesses casos a família deve encontrar um meio de ajuda externa, ou uma forma de retornar à estabilidade onde os papéis de cada um que compõe o lar sejam bem definidos, a fim de que nenhum dos membros se sinta prejudicado e a pessoa diagnosticada saiba como e com quem contar.

Os estudantes demonstram compreensão para com os irmãos, na forma de auxiliá-los. Como podemos destacar no caso da Isabel:

“Minha irmã é Guerreira. Por que ela faz unha e ajuda o meu cunhado”; “É sério! Ela não tem tempo”. (Isabel)

Vale ainda ressaltar que a Isabel é estudante de curso superior sendo deficiente intelectual, e a única no ciclo mais próximo familiar que chegou a esse grau de escolaridade.

O desafio dessa estudante em estar no ensino superior é na adequação que a instituição deve fazer a partir de suas necessidades. Omote (2016) salienta que é importante a presença do ENEE no ensino superior, onde é possível se especializar em uma área de atuação profissional, e para que a inclusão aconteça também nessas instituições de ensino, pois as disposições de atendimento a eles ainda são poucas. Além de o ENEE poder alcançar seus objetivos em todos os âmbitos da sua vida, na aprendizagem ainda que encontrem dificuldades, serem capazes de enfrenta-las com coragem, como a Isabel, e serem exemplos para quem ainda não acredita na potencialidade desses indivíduos.

Esses estudantes, apesar da grande consideração pelos irmãos/irmãs, apontam sentir falta da família, em primeiro lugar no auxílio direto com a aprendizagem, de forma íntima e pessoal, onde os pais pudessem ler para eles, fazer atividades extras. E depois, no apoio e incentivo com palavras positivas, presença na escola, que conhecessem e acreditassem na capacidade deles.

Quando a pesquisadora indaga como poderia ser melhor a presença dos familiares no processo de aprendizagem, esses aspectos aparecem nas falas das estudantes:

“Com eles me ajudando, dialogando”. (Madalena)

“Seria diferente. Para me dar toda a atenção”. (Isabel)

O envolvimento parental acontece com a ajuda do diálogo. Que para Casarin (2007) é parte importante na tarefa de educar. Quando o diálogo é feito cotidianamente, com respeito e disponibilidade, conseqüentemente gera situações de conforto entre os familiares e maior interação com atividades que desenvolvem o aprender. As conseqüências dessa boa convivência fazem um indivíduo íntegro, capaz de expressar suas potencialidades dentro e fora de seu lar.

A aprendizagem conta com o afeto e as emoções envolvidas. Gomide (2004) aponta que os pais estando presentes enquanto os filhos desempenham atividades escolares faz com que eles tenham maior envolvimento e percebam a importância que aquela ação tem. Além do mais, os estudantes esperam a presença dos pais nesse momento, pois ainda que haja um reajuste familiar, pelo luto do diagnóstico, ou por outro motivo, a figura paterna e/ou materna é sempre desejada e esperada pelo filho/a (BRIDI; BRIDI FILHO, 2006).

A partir da conversa do professor da Madalena com a pesquisadora, e do relato das partilhas da estudante com ele, percebe-se como essa estudante se sente em relação a ausência da família na aprendizagem.

“Essa semana a Madalena me mandou uma mensagem, falando em desistir do projeto porque a família não está apoiando ela, que o único que ainda incentiva que vem nas reuniões é o irmão. Ela que me falou, a minha família não me apoia”. (Professor da Madalena)

É possível identificar na entrevista com a Madalena que a forma como a família tem agido não abrange as suas necessidades. Além disso, quando a ajudam é por iniciativa da própria estudante, como podemos ver na fala dela:

“Eu peço ajuda para o meu irmão aí ele me explica uma matéria quando eu não entendo algo”. (Madalena)

Os pais e/ou pessoas que são responsáveis pelos estudantes devem ser figuras que estão sempre atentas às necessidades educacionais deles, os conhecer e saber quando surge uma necessidade sem que o estudante expresse, pois possa ser que ele não demonstre, ou mude o seu comportamento para que essas pessoas o observem. Segundo Hollerweger e Catarina (2014) a família e o lar devem ser para o estudante lugar de amparo seguro, onde as pessoas que ali estão sejam preparadas para acolhê-lo em todas as suas demandas.

Na entrevista com o professor da Madalena fica evidente a falta que a estudante sente da família, e em especial, dos pais, quando ela fala que a família não a apoia. Identifica-se ser a falta dos pais porque esses estudantes reconhecem a presença do irmão, mas ainda assim demonstram tristeza diante da família que não é presente.

A Madalena tem altas habilidades, mas no momento não se desenvolve nas artes, que é o seu campo de habilidade, pela falta do amparo familiar. Pois a estudante precisa de compreensão para sentir-se segura no processo de aprendizagem, e o ambiente familiar sendo desfavorável pode provocar a depreciação do amor, do sentimento de capacidade e, conseqüentemente, um comportamento social comprometido (CASARIN, 2007).

É característica das altas habilidades o senso de justiça que leva a estudante Madalena a expressar a insatisfação quanto a presença dos pais na vida escolar dela. Outro ponto é o inconformismo, que a leva a demonstrar a falta do apoio dos pais. A sensibilidade às expectativas, que a leva a ficar vulnerável às críticas de outras pessoas. Por último, e talvez a mais importante, a sensibilidade emocional, que pode levar o estudante com altas habilidades a se identificar e desenvolver empatia pelo outro (ALENCAR; FLEITH, 2001). Neste ponto estão

as relações que a estudante estabelece com o professor, que se torna figura significativa para ela, e o irmão, mas não deixando de se lembrar e dar importância e sentir falta dos pais.

A presença dos irmãos aparece como pessoas que os ajudam, mas que não deveria representar especificamente a pessoa que é responsável por acompanhá-los no processo de aprendizagem. De forma sutil, os estudantes deixam evidente a necessidade do pai e/ou da mãe nesse processo, como observado principalmente nas entrevistas com a Madalena e as pessoas mais próximas a ela. Durante a entrevista com essa estudante, ela não deixa claro em suas falas, mas quando questionado se a família é presente no processo de aprendizagem dela, demonstra em seu comportamento, pela demora nas respostas, como que com receio de falar para a pesquisadora o que estava acontecendo.

Na fala da Isabel também aparece o desejo pela presença da mãe mesmo já falecida, ela recorda e a identifica como alguém essencial, que era íntima, que a compreendia, que sabia reconhecer as suas dificuldades e ajudá-la nos caminhos possíveis:

“Minha mãe pra me ensinar. Minha mãe sempre pegou no pé mesmo. Eu e ela pra estudar. Pegar mesmo e ir estudando, passando dever, para pegar a leitura”. (Isabel)

Hollerweger e Catarina (2014) quando falam das relações familiares, apontam que na família onde tem a presença da mãe e do pai existe um amor que é possível ser chamado de incondicional, que é um amor de doação, onde os pais se doam pelos filhos sem esperar nada em troca, um amor maduro e responsável. Essas relações favorecem a autoestima e autoconfiança dos indivíduos.

Para o Davi, o irmão o ajuda com as contas, que é onde mais ele demonstra ter dificuldade, mas mesmo assim ele sinaliza a falta que sente da presença dos pais, quando a pesquisadora pergunta como poderia ser melhor a aprendizagem dele. E ele demonstra que queria essa presença no processo de aprendizagem, reconhecendo a forma que eles poderiam ajudar:

“Com eles me ajudando com as contas para eu ficar melhor”. (Davi)

Revelando a consciência que tem, de que a pessoa da mãe e/ou do pai, um adulto que é responsável por ele, poderia ajudá-lo em parceria nas possibilidades de aprender os cálculos matemáticos.

A família de estudantes com NEE é capaz de ajudá-los/as pontualmente onde eles/as mais precisam, pois são eles/as que passam, ou deveriam passar maior parte do tempo com esses/as estudantes. Os familiares têm potencial para compreender as dificuldades dos estudantes de diversas formas, através da boa convivência familiar, onde pode compreendê-los/as em todas as dimensões e torná-los/as capazes de desenvolverem as suas habilidades (TUNES, 2002).

5.3 Do diagnóstico à atuação dos pais na educação de seus filhos/as

Percebe-se nos três casos uma dificuldade no processo inicial de aprendizagem onde não é vista a presença de uma figura familiar que pudesse identificar a necessidade educacional especial do estudante com clareza e que de fato fossem capazes de ajudar os estudantes nesse período. Na fala da irmã da Isabel temos um exemplo disso:

“É problema na cabeça, acho que ela tem microcefalia. A cabeça dela crescia muito quando ela era pequena, do nada melhorou”. (Irmã da Isabel)

Neste ponto, recorda-se que a Isabel é diagnosticada com Hidrocefalia, que é o excesso de água no espaço craniano, resultante da macrocefalia (aumento do espaço cerebral) durante os primeiros anos de vida (JUCÁ et al., 2002). Diferente da microcefalia, que é quando o recém nascido apresenta o espaço craniano inferior ao comum (SALGE; et al. 2016). O diagnóstico indica ainda deficiência intelectual, que para Anache (2011) se caracteriza por limitações que o sujeito tem no funcionamento intelectual, onde a forma dele/a aprender e se socializar é diferente de quem não tem esse diagnóstico, sendo necessário adaptações na forma de ensiná-lo/a.

A irmã se confunde ao falar do diagnóstico evidenciando que não tem conhecimento do que se trata, e conseqüentemente, como deve ser o ensino para essa estudante. Essa irmã não chegou a concluir o Ensino Fundamental e por esse motivo a forma de ajudá-la é incentivando a continuar estudando, como podemos ver na fala da mesma:

“Eu pergunto se ela tem dever de casa, falo para ela abrir o email porque eu também não entendo essas coisas. Tento ajudar lembrando ela das coisas, tento abrir o caderno”. (Irmã da Isabel)

Gomide (2004) destaca que mesmo pais com pouco tempo podem ser presentes na vida dos filhos/as. Essa presença pode se dar por meio de demonstração de interesse pelas vivências

dos filhos/as, através do afeto, dando atenção quando está junto durante as refeições ou até mesmo por telefonemas ou mensagens. Essas atitudes, ainda que pareçam simples e/ou poucas, são de grande importância para o indivíduo quando o vínculo é grande. Nesse estudo essas pessoas seriam as figuras paternas/maternas, identificado por meio das entrevistas. Este fato foi algo diferente do observado nas entrevistas, pois os irmãos ocupam o papel que deveria ser dos pais. E mesmo assim, não preenchem a ausência desse lugar nas expectativas dos estudantes.

Sobre a forma de os familiares, além dos irmãos, auxiliarem esses estudantes no processo de aprendizagem, é como no relato da Madalena:

“A minha mãe e minha irmã, elas sempre falam que meus desenhos são muito bons, minha mãe estava pensando em comprar quadro para pintura, para me ajudar”. (Madalena)

Os familiares compreendem que pelo diagnóstico há uma demanda de maior atenção para que a aprendizagem aconteça. Com isso, a forma deles ajudarem é monitorando os estudos por meio da organização dos horários de estudo do filho e/ou irmão/irmã, direcionando à escola, à faculdade, ao reforço, dando materiais que incentivem, falando que estudar é importante. Isto também aparece na fala da mãe do Davi:

“Agora estamos pegando no pé dele, tirando da internet porque se deixar... Comprei vários livros pra ele ler e agora essas aulas de reforço. Vamos ver o que vai dar!”. (Mãe do Davi)

Muitas vezes a família vê seu papel como sendo o de provedora de meios materiais para que o estudante consiga apresentar bom rendimento na escola, para que ele seja bem sucedido. Mas é evidente aqui que não é só isso que importa, também é necessária a presença dos pais para que os estudantes consigam realizar as atividades. Pois, nada supre a presença física e o apoio da família (GOMIDE, 2004).

5.4 Interação família e instituição de ensino

Em todos os casos entrevistados, quem identificou a necessidade educacional especial dos estudantes foi a escola, ou pela retenção em alguma série, ou por não conseguir avançar no conteúdo. Quando a responsabilidade do acompanhamento do filho/a na aprendizagem é transferida totalmente para o educador o risco que corre é do estudante se sentir desamparado (GOMIDE, 2004).

Quando identificado os aspectos que influenciam nas dificuldades e/ou facilidades para a aprendizagem dos estudantes, a responsabilidade foi transferida da família para alguém que eles identificam ser quem possa auxiliá-los, como se vê na fala do irmão da Madalena:

“O que eu não sei eu falo: Ah, então vê com essa pessoa. É tanto que por isso que eu falei e falo, para muitas coisas ela perguntar para a moça que acompanha ela no projeto da UnB, tento direcionar para alguém que tem mais conhecimento”. (Irmão da Madalena)

Essas famílias quando relatam sobre a descoberta do diagnóstico, falam que ao receberem, não tinham conhecimento do que se tratava a necessidade educacional especial, como observado na fala da irmã da Isabel:

“Ela não aprendia, minha mãe colocou ela na escola e até a 5º série ela não aprendia, aí foi pra escola especial. Ela aprendia devagar, com mais dificuldade do que os outros, tinha muita dificuldade de decorar as coisas. Mandaram ela para o especial, chegando lá ela começou a aprender um pouquinho mais, aí mudou de novo de escola.” (Irmã da Isabel)

É nesse momento, de dificuldade escolar, que vão atrás de ajuda médica e educacional para que esses profissionais ajudem a criança, mas não buscam ajuda para eles mesmos, família, para entender e poder ajudar o filho/a ou irmão/ã. Com isso, percebe-se que esses indivíduos cresceram e a família ainda não sabe como ajudar no processo de aprendizagem.

Estudantes com NEE têm formas únicas de aprender, necessitando de auxílio de meios externos, contando com o afeto no ensino-aprendizagem (ROOS 2006). Eles precisam de alguém que esteja sempre atento às suas necessidades, que tenha paciência, que disponibilize recursos, mas as famílias quando não compreendem a necessidade educacional do estudante, consecutivamente não compreende a sua forma de aprender e o tempo que demandam para isso.

Para essas famílias o que eles fazem é o suficiente. Já para os professores, e também nas falas dos estudantes, apresentadas anteriormente, a presença da família deve ser de acompanhamento mais próximo, mais pessoal. Podemos ver isso destacado na fala da professora do Davi que acompanha de perto a atuação dessa mesma família:

“Quando a família é presente é diferente. Eu sinto que falta um pouco de trabalho em casa. Tanto é que a mãe dele veio agora porque eu chamei, e nós já estamos no final do ano, você não acha que tá um pouco em cima?! Se desse esse apoio desde o início do ano você não acha que já estaria melhor?”. (Professora do Davi)

Rotta (2016) alerta para o papel da família, destacando que se inicia desde os cuidados no lar, ampliando para as responsabilidades com a escola e os educadores que atendem esses estudantes. Para esse autor, é importante que os pais estejam atentos as rotinas de estudos, alimentação e sono, pois o estudante continua sendo-o em casa. Devem estar atentos e presentes a comunicados escolares, reuniões, além de conhecer e ter diálogos constantes com o educador que é presente na vida do estudante, para junto ajudá-lo no processo de aprendizagem.

Infelizmente essas ações não foram identificadas nas famílias participantes dessa pesquisa. Pelo contrário, o que foi observado foi a passividade dos pais diante das necessidades educacionais especiais dos filhos/as.

Os familiares em questão têm confiado a instituição de ensino e a professores de reforço a aprendizagem desses estudantes. Mas não compreendem onde se inicia, ou até onde deve ir esse dever. Observa-se esse fato nas falas dos responsáveis, que demonstram não entender o porquê de muitas vezes acontecer um fracasso escolar, ou a dificuldade de aprendizagem permanecer, sendo que eles estipulam horários de estudos, direcionam os estudantes para a instituição de ensino. Esse posicionamento acontece, mas sem compreender o papel das instituições de ensino, principalmente diante da necessidade educacional especial do estudante. Podemos observar na fala da mãe do Davi, que ela não compreende as demandas dele:

“Eu vou falar com a professora da escola, porque a moça do reforço perguntou e eu nem soube responder os direitos dele. Eu vou questionar ela tudinho”. (Mãe do Davi)

Deixando claro que ela não sabe como é ou como deve ser o atendimento do estudante em sala de aula, se tem direito a monitor, adaptação curricular, e que somente através da professora de reforço começou a se interessar por saber essas informações. Contudo, ainda atribuindo à professora a responsabilidade de saber e informá-la.

A instituição de ensino é onde muitas famílias buscam espaço para ser um lugar de acolhimento, tanto do estudante com NEE, quanto para eles próprios quando não são informados sobre o que se trata a necessidade educacional especial em si. Mas quando essa instituição não conhece as necessidades do estudante, ou não sabe lidar, ou não tem contato com a família, aponta Freitas (2009) o rendimento escolar desses estudantes diminui, porque a dinâmica familiar muda na medida em que recebem menos suporte.

De um lado, o responsável se diz presente, que faz o que pode pelo filho/a ou irmão/ã. Por outro, a instituição de ensino sente falta da presença destes, refletida na dificuldade de aprendizagem do estudante, e ainda, a falta de diálogo com os responsáveis. Os profissionais da educação que acompanham esses estudantes apontam sentir falta dessa presença mais efetiva por parte da família:

“Cheguei a pedir pra ela, que algum familiar viesse aqui, pra conversar comigo e entender melhor. Mas já mandei mensagem, e não vieram”. (Psicóloga da Isabel)

“Ela é minha aluna desde o início do ano, e eu não conheço os pais dela, nas últimas reuniões foi o irmão que veio. Como ela não dá trabalho em questão de comportamento e disciplina acho que nunca foram chamados aqui”. (Professor da Madalena)

Quando o responsável legal vai à instituição de ensino somente quando é convocado, ou nem assim, ele perde muito do que o estudante tem vivido lá, e não consegue compreendê-lo nas suas demandas (GOMIDE, 2004). Além de não ter contato com o(s) educador(s) que é(são) figura(s) importante(s) nesse processo, pois ele(s) pode(m) criar um ambiente escolar positivo e confortável, fazendo com que o estudante tenha boas experiências educativas, como percebido na relação entre a Madalena e seu professor.

Durante a entrevista com as instituições de ensino, percebeu-se que o responsável só vai à escola quando convocado, seja por risco de reprovação, ou porque o comportamento do estudante em sala de aula mudou de forma brusca. Foi exatamente assim no caso do Davi, como destacado na fala da professora:

“Ele corre o risco de reprovar no próximo ano [...] Ele piorou muito [...] Essa semana eu mandei por ele os envelopes com provas e relatórios dos bimestres anteriores, porque ninguém veio buscar ainda”. (Professora do Davi)

Quando questionado aos professores/as e à psicóloga como poderia ser proposto uma forma de aproximação da instituição de ensino com a família, obteve-se de cada um, uma resposta diferente:

“Acho que no momento que eu estou hoje, ter mais psicólogos para poder dividir esse trabalho, estou me sentindo bem sobrecarregada. Talvez com mais pessoas na instituição para poder dividir essa carga e ampliar a carga para receber pessoas, ter mais disponibilidade para fazer visitas, outros espaços junto com a família”. (Psicóloga da Isabel)

A falta de profissionais que aparece na fala da psicóloga e a proposta dela é relevante, pois a dinâmica contínua e a reorganização familiar que favoreça o aprendizado do estudante também é necessário no ambiente escolar. Essa dinâmica é possível quando os profissionais estão dispostos a compreender o ENEE, quando estão atentos às demandas da inclusão. Rotta (2016) afirma que para o estudante ter um bom aproveitamento escolar, é fundamental que a escola tenha condições físicas de sala de aula para receber estudantes com NEE, condições pedagógicas, disposição de materiais de apoio a esses estudantes, e condições de corpo docente preparado para as mediações com esses estudantes.

Não se pode esperar que todas as instituições de ensino tenham um número de profissionais com funções necessárias para atender os estudantes, cada um com as suas especificidades, e a ponto de conseguir acolher as suas respectivas famílias. Mas quando a instituição de ensino tem um olhar mais atento para a inclusão ela consegue se organizar a ponto de tornar o convívio entre educador-aluno-família possível (REIS, 2012).

Para a professora do Davi a iniciativa de aproximação entre os profissionais da educação e da família deve sempre partir dos familiares responsáveis pelos estudantes, como expresso na fala dela:

“Eu acho que a família deveria identificar a dificuldade, e ela procurar a escola”.
(Professora do Davi)

A colocação da professora é equivocada, pois esse relacionamento família-educador, para ter um bom êxito, deve ser como uma via de mão dupla. Ainda mais para o Davi que teve diagnóstico recente, nesse caso essa família é quem deve receber orientação e apoio por primeiro da escola, por não terem conhecimento da dislexia.

Para Reis (2012), as instituições, e especialmente a escola, devem ir além de apoios com palavras, ou respeito aos pais/mães e/ou responsáveis pelos cuidados, atenção e educação de estudantes com NEE. Devem colocar-se à disposição, em posição afetiva, possível de gerar iniciativas de diálogo.

O professor da Madalena também expõe a sua opinião sobre a relação família-instituição de ensino:

“Convidando eles, por exemplo, tem um projeto e aí vai o bilhete para casa. Aqui é muito difícil os pais virem. Mas é só através de bilhete, comunicado, reunião de pais”. (Professor da Madalena)

Os que acompanham esses estudantes nas instituições de ensino identificam que as relações com as famílias podem ser estreitadas, mas encontram barreiras quando pensam em um diálogo, porque as famílias se fazem distantes e ao invés de tentar criar novas estratégias de aproximação, ficam paralisados/as, talvez por se sentirem desmotivados/as com as experiências de fracassos nas tentativas anteriores.

Compreender que a família é composta por diversos membros e que o estudante é parte desses é oportunidade de acesso a esses familiares. Pois quem busca conhecer a história do estudante e se sensibilizar com ela, conhece a família, e aqueles que para o estudante são essenciais (REIS 2012).

Com as entrevistas, percebemos que as relações entre educador e estudante tem ganhado mais significado devido a ausência da família. Esses profissionais quando se fazem próximos à realidade dos estudantes, se tornam figuras importantes para eles.

O caso da Madalena é delicado, e torna compreensíveis aspectos que são ditos para uma pessoa em especial, que é o professor que ela indicou como sendo o mais próximo a ela na escola, o qual coordena um projeto que ela participa, que é o de artes envolvendo cinema e dança. Esse professor, nesse contexto, se fez presente e interessado em ajudá-la a desenvolver o potencial que ela tem para as artes, e demonstrando carinho e afeto aproximou-se dela, ganhou sua confiança. Perceptível na fala dele:

“É o primeiro ano dela comigo como professor de geografia, ela chega, me abraça, pergunta como eu estou, eu também pergunto pra ela como ela está. Ela é super carinhosa com a minha pessoa, eu acho que como eu aceitei que ela chegasse, porque a maioria dos professores são distantes da realidade, e por isso que é difícil de identificar que o aluno tem altas habilidades”. (Professor da Madalena)

A confiança e a parceria que a estudante desenvolveu com esse professor é devido as atitudes dele em levar em consideração o contexto de vida da estudante. “O cenário educativo precisa ser compreendido a partir das relações sociais estabelecidas” (TACCA 2006, p. 46).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa tinha um desafio de conhecer as famílias de estudantes com necessidades educacionais especiais para observar como é a vivência deles, em seus lares, na escola, na universidade, em relação aos processos de aprendizagem. O observado foi que a forma de agir da família interfere em toda a vida do estudante, e nesse estudo principalmente, na aprendizagem.

Os estudantes demonstraram em todo o tempo a importância que a família tem para eles. O desejo de que eles estivessem presentes no processo de aprendizagem é notório e eles mostraram pontualmente onde estão as lacunas, ou seja, o que falta por parte da família para que o desenvolvimento deles aconteça. Seria com os familiares dialogando com eles, conhecendo as suas necessidades educacionais especiais para poder ajudá-los nas atividades, acreditando na capacidade de cada um.

O planejamento da pesquisa desde o princípio era pesquisar famílias de estudantes com necessidades educacionais especiais e saber a influência delas na aprendizagem desses indivíduos. Não enfocamos em nenhum momento quem seria o familiar, esse ponto era tido com muito respeito, pois quem apontaria, e assim o fez, a pessoa mais presente na vida estudantil seriam os próprios estudantes, para informar inclusive quem era a figura de importância para eles na instituição de ensino. Como uma surpresa, na coleta de dados os três estudantes, que não se conhecem, que tem vivências educativas diferentes, que moram em lugares diferentes, apresentaram ser a pessoa do irmão/a que mais os auxiliam quando precisam de qualquer coisa que se relacione a aprendizagem, inclusive obrigações presenciais na instituição, em um dos casos até, o irmão tendo pouca idade.

Pontos importantes que os estudantes trouxeram é a questão do valor da afetividade dos pais na aprendizagem, tanto em meio familiar como em meio escolar. Algo que pode passar despercebido, que pode parecer sem importância, mas um olhar atento para o estudante e uma palavra de afirmação faz diferença. Esses estudantes trouxeram em suas falas que queriam a presença deles nas atividades escolares, lendo para eles, ajudando nas contas. Isso porque os pais são importantes, além do laço sanguíneo que os ligam, ser quem conhece esses estudantes, ou que deveriam; quem sabe das suas limitações, das suas capacidades, dos seus sonhos.

Durante as entrevistas com os familiares, a maioria deles demonstrou não saber do que se trata o diagnóstico dos estudantes, e as demandas que são necessárias para eles. Esse é um fator que demanda auxílio externo. As pessoas que acompanham os estudantes compreendem que o diálogo com a família deve existir, mas não fazem esforços além do comum para alcançá-los.

Percebe-se uma falta de tempo existente na família, para dar atenção aos estudantes em casa e na instituição de ensino. O inesperado era ouvir isso também das pessoas presentes na instituição de ensino, a falta de tempo, o cansaço. Levando a refletir sobre algo que se faz necessário: então, quais são as prioridades, coisas ou pessoas? O trabalho excessivo, a arrumação da casa, as redes sociais, as demandas institucionais; ou o estudante, a família, as relações, o diálogo?

Fica como proposta para a instituição de ensino ter alguém com um olhar voltado a essas prioridades, que seja como ponte de acesso com a família, onde o principal interesse seja o estudante, a história de vida dele, as necessidades familiares, afim, de identificar e poder auxiliar no que for possível, ainda que seja sinalizando que precisam de outro profissional para ajudá-los. Outra forma seria a existência de atrativos que levassem principalmente as mães e os pais até a instituição de ensino, algo que fosse do interesse deles, não somente reuniões corriqueiras. Os filhos são o mais importante, mas atualmente muitas coisas têm feito parte da vida do ser humano, é possível identificar, e com esse contorno, poder chegar à aproximação e parceria com a família pela aprendizagem e desenvolvimento.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, E. M. L. S. de; FLEITH, D. de S. Desenvolvimento sócio-emocional do Superdotado: Dificuldades e Ajustamento. In: ALENCAR, E. M. L. S. de; FLEITH, D. de S. **Superdotados: Determinantes, Educação e Ajustamento**. 2º edição. São Paulo: (EPU) Editora Pedagógica e Universitária, 2001, p. 105-119.
- ANACHE, A. A. Aprendizagem de Pessoas com Deficiência Intelectual: Desafios para o Professor. In: MITJÁNS MARTINEZ, A.; TACCA, M. C. V. R. (orgs). **Possibilidades de Aprendizagem: Ações Pedagógicas para Alunos com Dificuldade e Deficiência**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.
- ANDRÉ, M. E. D.; LUDKE, M. **Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária EPU, p. 10-24, 1986.
- BATISTA, A. S.; TACCA, M. C. V. R. Onde se Lê Deficiente Mental, Leia-se Criança que Aprende como Sujeito de Possibilidades. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C. V. R.. **Possibilidades de Aprendizagem: Ações pedagógicas para alunos com dificuldades e deficiência**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.
- BORUCHOVITCH, Evely. As variáveis psicológicas e o processo de aprendizagem: uma contribuição para a psicologia escolar. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, p. 129-139, Brasília, 1994.
- BRIDI, F. R. de S.; BRIDI FILHO, C. A. Sobre o aprender e suas relações: interfaces entre neurologia, psicologia e psicopedagogia. In: ROTTA, N. T.; BRIDI FILHO, C. A.; BRIDI, F. R.(orgs). **Neurologia e Aprendizagem, Abordagem Multidisciplinar**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2016.
- CASARIN, N. E. F. **Família e aprendizagem escolar**. Dissertação Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Faculdade de Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2017.
- FREITAS, H. R. M. **Estrutura e Dinâmica de famílias com um Filho com Necessidades Educacionais Especiais**. Dissertação para Pós Graduação em Teoria de Pesquisa do Comportamento, Belém, 2009.
- GLAT. R.; PLETSCHE, M.D. Orientação familiar como estratégia facilitadora do desenvolvimento e inclusão de pessoas com necessidades especiais. **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria, RS, nº 24, 2004.
- GOMIDE, P. I. C. **Pais Presentes, Pais Ausentes: Regras e Limites**. Ed. 3º. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- HOLLERWEGER, S.; CATARINA, M.. B. S. A importância da família na aprendizagem da criança especial. **(REI) Revista de educação do IDEAU**, p. 1-12, 2014.
- JUCÁ, C. E. B.; NETO, A. L.; OLIVEIRA, R. S.; MACHADO, H. R. Tratamento de hidrocefalia com derivação ventrículo-peritoneal: análise de 150 casos consecutivos no hospital

das clínicas em Ribeirão Preto. **Acta Cirúrgica Brasileira**. São Paulo, Vol. 17, suppl.3, p. 59-63, 2002.

LIMA SILVA, M.; ALMEIDA, M. C. P.; LIMA, C.C. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 20, n. esp., p. 130-142, 1999.

LOPES, S. A. Considerações sobre a terminologia Alunos com Necessidades Educacionais Especiais. **Revista Educação Especial**, Santa Maria- RS, v.27, n. 50, 2014.

LOURENÇO, A. A.; PAIVA, M. O. A. de. A motivação Escolar e o Processo de Aprendizagem. **Ciência e Cognição**, v. 15, 2010.

MEYRELLES DE JESUS, D.; BAPTISTA, C. R.; BARRETO, M. A. S. **Inclusão práticas pedagógicas e trajetórias de pesquisa**. In: ANACHE, A. A.; MITJÁNS MARTINEZ, A. O sujeito com deficiência mental: processos de aprendizagem na perspectiva histórico-cultural. Porto Alegre: Edição Mediação, 2º edição, 2009.

MOREIRA, M. A. Teorias de aprendizagem. In: MOREIRA, M. A. **A teoria da aprendizagem significativa de Rogers**. São Paulo: EPU, 1999. p. 139-149.

MOURA, L.; VALÉRIO, N.. **A família da criança deficiente**. Cadernos de Pós Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, V.3, n.1, p.47-51. São Paulo, 2003.

OMOTE, S. **Atitudes em Relação á Inclusão no Ensino Superior**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista UNESP, Journal of Research in Special Educational Needs, v. 16, 2016.

PIMENTEL, J. V. Z. S. **Intervenção focada na família**. Percepções de pais e profissionais sobre as práticas de apoio precoce a crianças com necessidades educativas especiais e suas famílias. Lisboa: SNRIPD, 2005.

REIS, V. A. dos S. **O envolvimento da família na educação de crianças com necessidades educativas especiais**. Dissertação Apresentada á Escola Superior de Educação João de Deus com vista a obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação na Especialidade de Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor. Lisboa, 2012.

ROSS, P. R. **Aprendizagem e conhecimento: Fundamentos para as práticas inclusivas**. v. 24, n. Especial, p. 273-299, Florianópolis, 2006.

ROSSATO, M.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **A Superação das Dificuldades de Aprendizagem e as Mudanças na Subjetividade**. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M. C. V. R.. Possibilidades de Aprendizagem, ações pedagógicas para alunos com dificuldades e deficiência. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

ROTTA, N. T. Dificuldade para Aprendizagem. In: ROTTA, N. T; OHLWEILER, L; RIESGO, R. dos S. (org.). **Transtorno da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. 2º edição. Porto Alegre: Artmed, 2016. p. 94-104.

RUIZ LEITE, C. A. R.; LEITE, E.C.R.; FRANDI, L. R. A aprendizagem na concepção histórico

cultural. **Akrópolis Umuarama**, v. 17, n. 4 p. 203-210, 2009.

SALGE, A. K. M; et al. Infecção pelo vírus Zika na gestação e microcefalia em recém-nascidos: revisão integrativa de literatura. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. 2016.

SILVA, J. Q. S. **A família e a escola no processo de inclusão de uma criança com dislexia**. Monografia Apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP- UnB/UAB. Brasília, 2015.

SOUZA, L. K. de. **Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019.

TACCA. Maria Carmen V. R. **Estratégias Pedagógicas: Conceituação e desdobramentos com o foco nas relações professor-aluno**. In: TACCA. Maria Carmen V. R. (org.). *Aprendizagem e Trabalho Pedagógico*. Campinas, SP: Alínea, 2006.

TUNES, E. **Incluir quem, por que e para que? A dimensão ética da inclusão**. In: XII Encontro Regional de Psicopedagogia, 2002, Goiânia. Anais do XII Encontro Regional de Psicopedagogia. Goiânia, 2002 p. 15-21.

APÊNDICE 1

Questionários de entrevistas

- Entrevista com o estudante:

1. Qual seu nome?
2. Quantos anos você tem?
3. Onde mora?
4. Qual seu grau de escolarização? Onde estuda?
5. O que você desenvolve no projeto da UnB?
6. A sua família te auxilia no que você precisa aprender? De que maneira?
7. Qual é a pessoa da sua família mais próxima a você nos estudos? Me fale um pouco sobre ela. (Opcional, se não estiver na anterior).
8. Sempre foi assim ou em algum momento essa pessoa esteve mais próximo/a ou mais distante?
9. Em algum momento sentiu falta de alguém da família que te auxiliasse nos estudos? E como foi/está sendo, nesse período?
10. Como você espera que fosse essa relação. Da sua família com seu aprender?

APÊNDICE 2

- Entrevista com o familiar:

1. Qual seu nome?
2. Qual seu grau de parentesco com o estudante?
3. Qual seu grau de escolarização?
4. Você tem conhecimento do trabalho que ele desenvolve na UnB?
5. Me conte como é o dia a dia familiar desse estudante.
6. E sobre o diagnóstico, em qual período foi descoberto e como foi para vocês (ou para quem esteve presente nesse período, você sabe)?
7. Como foi/está sendo o processo de escolarização dele?
8. Você esteve presente nesse processo? Como era/é a sua atuação?
9. O que considera ter feito que ajudou esse estudante na aprendizagem?
10. O que poderia ter gerado mais oportunidades de aprendizado para esse estudante?
11. Como você percebe a atuação da escola com o estudante e com a família?
12. Como acha que essa relação deveria ser?

APÊNDICE 3

- **Entrevista com o educador:**

1. Qual seu nome? Qual sua formação? Quanto tempo de magistério? Quanto tempo em atuação com alunos com deficiência?
2. Você percebe se esse estudante tem o apoio da família no processo de aprendizagem? Como?
3. Como é quando a família está presente nesse processo? E quando não está?
4. Como é a sua relação com a família desse estudante?
5. Como acha que deveria ser?
6. Você considera que essa família é presente na escola? Em quais momentos ela se faz presente?
7. O que poderia ser feito para aproximar a escola da família?

APÊNDICE 4



UnB/Universidade de Brasília

FUP/Faculdade UnB Planaltina

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
PARA PAIS E ESTUDANTES**

Convidamos o/a senhor/a a participar da pesquisa intitulada “A influência da família no processo de aprendizagem de estudantes com necessidades educacionais especiais”. Com o objetivo de compreender qual a concepção de educação que familiares tem, além de buscar entender como essas figuras contribuem ou não com o processo de aprendizagem dos estudantes e identificar como se dão as relações, especialmente dialógicas, entre família e educador.

Essa pesquisa pode ser oportunidade para apoio e novas reflexões, para as famílias dos estudantes em processo de aprendizagem e para educadores que desejam compreender melhor sobre a relação família-escola/educador.

A duração da referente pesquisa será de em torno três meses, agosto, setembro e outubro, podendo haver alterações para mais ou para menos. Serão feitas entrevistas marcadas previamente com os/as entrevistados/as, e terão duração de no máximo uma hora cada. Para que seja dada a atenção necessária ao participante, será utilizado gravador de voz. Os dados da pesquisa ficarão guardados com a pesquisadora e os nomes dos participantes não será divulgado em nenhuma hipótese. Além disso, os participantes poderão ser esclarecidos de qualquer dúvida a respeito da pesquisa, e será livre para se ausentar em qualquer momento da pesquisa, ou se recusar a responder perguntas que lhe cause constrangimento.

Informo ainda que, a participação é de caráter voluntário, mas de grande contribuição para a educação. Como comprovação da sua participação e consentimento, este TCLE está sendo redigido em duas vias, sendo uma para o senhor/a participante e outro para a pesquisadora.

A presente pesquisa será realizada pela estudante Leticia Almeida de Lima, graduanda em licenciatura em ciências naturais, tendo como orientadora a professora Bianca Carrijo Cordova. Em caso de dúvidas, entrar em contato através do email: lima.leticiaa@gmail.com e

telefone (61) 8348-7908.

Desde já agradeço por fazer parte dessa pesquisa!!

CONSENTIMENTO DO/A PARTICIPANTE

Eu, _____, DECLARO que fui esclarecida/o quanto aos objetivos e procedimentos do estudo pela pesquisadora e CONSINTO, a realização das gravações e anotações (se necessárias) das entrevistas para fins de estudo, publicação em trabalho de conclusão de curso e em artigos científicos..

Ainda para essa pesquisa, CONSISTO a participação, do/a estudante _____, na aplicação de questionários para os mesmos fins.

Assinatura do participante e responsável legal

Brasília, _____ de _____ de 2019.

APÊNDICE 5

UnB/Universidade de Brasília**FUP/Faculdade UnB Planaltina****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
PARA PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO**

Convidamos o/a senhor/a a participar da pesquisa intitulada “A influência da família no processo de aprendizagem de estudantes com necessidades educacionais especiais”. Com o objetivo de compreender qual a concepção de educação que familiares tem, além de buscar entender como essas figuras contribuem ou não com o processo de aprendizagem dos estudantes e identificar como se dão as relações, especialmente dialógicas, entre família e educador.

Essa pesquisa pode ser oportunidade para apoio e novas reflexões, para as famílias dos estudantes em processo de aprendizagem e para educadores que desejam compreender melhor sobre a relação família-escola/educador.

A duração da referente pesquisa será de em torno três meses, agosto, setembro e outubro, podendo haver alterações para mais ou para menos. Serão feitas entrevistas marcadas previamente com os/as entrevistados/as, e terão duração de no máximo uma hora cada. Para que seja dada a atenção necessária ao participante, será utilizado gravador de voz. Os dados da pesquisa ficarão guardados com a pesquisadora e os nomes dos participantes não será divulgado em nenhuma hipótese. Além disso, os participantes poderão ser esclarecidos de qualquer dúvida a respeito da pesquisa, e será livre para se ausentar em qualquer momento da pesquisa, ou se recusar a responder perguntas que lhe cause constrangimento.

Informo ainda que, a participação é de caráter voluntário, mas de grande contribuição para a educação. Como comprovação da sua participação e consentimento, este TCLE está sendo redigido em duas vias, sendo uma para o senhor/a participante e outro para a pesquisadora.

A presente pesquisa será realizada pela estudante Letícia Almeida de Lima, graduanda em licenciatura em ciências naturais, tendo como orientadora a professora Bianca Carrijo

Cordova. Em caso de dúvidas, entrar em contato através do email: lima.leticiaa@gmail.com e telefone (61) 8348-7908.

Desde já agradeço por fazer parte dessa pesquisa!!

CONSENTIMENTO DO/A PARTICIPANTE

Eu, _____, DECLARO que fui esclarecida/o quanto aos objetivos e procedimentos do estudo pela pesquisadora e CONSINTO, a realização das gravações e anotações (se necessárias) das entrevistas para fins de estudo, publicação em trabalho de conclusão de curso e em artigos científicos.

Assinatura do Participante

Brasília, _____ de _____ de 2019.